



José Martí e a luta contra o neo-colonialismo capitalista: Aspectos históricos e contribuições políticas

Evelyn Faria da Silva Luz¹

Resumo

Este artigo pretende apresentar um panorama das ideias e posicionamentos de José Martí e identificar suas contribuições e influência até a atualidade. O independentista cubano, que lutou e morreu pela Nuestra América, é uma figura ímpar da América Latina. Ele defendeu e incitou o orgulho as heranças latino-americanas e assim, a valorização do que é próprio da região. Além disso, ainda hoje suas ideias, mostram se atuais na luta pela libertação da América do Sul e Central contra as amarras do neo-colonialismo capitalista, vindo especialmente dos Estados Unidos.

Palavras chave: José Martí; independentista; Libertação da América Latina.

José Martí y la lucha contra el neo-colonialismo capitalista: Aspectos históricos y contribuciones políticas

Resumen

Este artículo pretende presentar un panorama de las ideas y posicionamientos de José Martí e identificar sus contribuciones e influencia hasta la actualidad. . El independentista cubano, que luchó y murió por Nuestra América, es una das figuras más importantes de la América Latina. Él defendió e incitó el orgullo a las herencias latinoamericanas y así, la valorización de lo que es propio de la región. Además, hoy sus ideas forman parte de una lucha presente y actual para la liberación de América del Sur y Central contra las amarras del neo-colonialismo capitalista, viniendo especialmente de Estados Unidos.

Palabras-clave: José Martí; independentista; Liberación Latinoamérica.

José Martí and the fight against capitalist neo-colonialism: Historical aspects and political contributions

Summary

This article intends to present an overview of the ideas and positions of José Martí and to identify their contributions and influence to the present day. The Cuban independentista, who fought and died for Nuestra America, is a unique figure in Latin America. He defended and incited pride to Latin American legacies and thus, the valorization of what originally from the region. Moreover, he is still present today in the struggle for the liberation of South and Cen-

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Roraima. Ativista feminista. Pesquisa em migração. Contato: evelynluz11@gmail.com

tral America against the bonds of capitalist neo-colonialism, especially the one coming from the United States.

Key words: José Martí, independentist, Latin- America liberation.

Introdução

Em face à atual realidade Latino-Americana, o pensamento de José Martí mostra-se cada vez mais persistente e adaptável ao contexto atual dessa porção do continente que foi e continua sendo subjugada. Diversas vezes sofrendo interferências externas, a América latina ainda insiste em esquecer do que é próprio e procurar soluções para seus problemas no exterior. Tentando, assim, aplicar ideias europeias e estadunidenses em uma realidade completamente distinta. Tudo isso enquanto ainda é colocado pelas grandes potências em uma posição de periferia do mundo.

Nesse contexto, as ideias do independentista cubano são mais relevantes do que sempre. Ele defendia a exaltação e orgulho do que era original da região, ressaltava o quanto *Nuestra America* era singular e, por isso, estava rodeada de perigos, principalmente vindos dos Estados Unidos. Alertou que o "tigre de fora" estava à espreita e esperando para atacar com seu neocolonialismo, querendo tomar controle de uma América que lutara contra a dominação Ibérica.

Desse modo, o presente artigo pretende deixar clara a amplitude de temas tratados pelo cubano, focando nas suas ideias para América hispânica e os povos que a habitam e a luta contra o neocolonialismo capitalista. Adentrando nos planos político, social e educacional e assim identificando e ressaltando suas contribuições e influências para a atualidade, seja no âmbito cubano ou internacional. Para isso, este trabalho é dividido em três partes e mais a conclusão.

Inicialmente aborda-se a biografia de José Martí, mostrando como a vida e a formação acadêmica e profissional dele influenciaram em seus trabalhos. Em seguida, discorre-se sobre a obra *Nuestra América* e a visão do cubano sobre os Estados Unidos da América e o perigo que estes representavam. Por último, detém-se na visão de Martí sobre temas como educação e governo. Ressalta-se, na conclusão, o quão visionário ele foi e como foi capaz de ler corretamente a realidade do continente e alertar para problemas futuros além de propor soluções.

Antecedentes históricos

José Julián Martí y Pérez foi um pensador, político, independentista e escritor nascido em Havana, no dia 28 de janeiro de 1853. O primeiro e o único homem de 8 filhos de Leonor Pérez e Mariano Martí, ambos espanhóis, sendo ela originária das Ilhas Canárias e ele de Valência. José morreu em 19 de maio de 1895, na batalha de Boca de Dos Rios, e não chegou a ver Cuba independente. No entanto, pelas suas contribuições ideológicas, políticas e práticas ele influenciou a independência do país e até hoje é uma figura simbólica em Cuba.

O cubano veio de família humilde e sem muitos recursos, portanto, desde cedo teve que ajudar o pai, que era sargento, porém frequentemente completava a renda trabalhando em fazendas. Foi nessas viagens com Mariano, que José começou a enxergar a realidade do seu país, como por exemplo, a escravidão, experiência que influenciou seu pensamento e sua obra.

Outro ponto crucial na formação acadêmica de José Martí foi aos 15 anos, quando ingressou na Escola Superior Municipal de Rapazes, cujo diretor e professor era o intelectual independentista Rafael Mendive. Ele, ao reconhecer o potencial do jovem estudante, custeou seus estudos e foi como um “segundo pai” para Martí e grande influenciador de seu pensamento.

Em 1868, com a 1ª Guerra de Independência Cubana (1868/1878), Martí já mostrava seu apreço pela causa independentista ao escrever o poema *Abdala*, publicado em um semanário chamado *La Pátria Libre*. No ano seguinte, a Escola Superior foi fechada, Rafael Mendive deportado e Martí preso. Com a alegação que seu estado de saúde era delicado, o jovem cumpriu seis meses de trabalho forçado e depois foi deportado para a Espanha. É importante ressaltar que durante seu tempo na prisão, o cubano dedicou-se ao estudo da Bíblia, o que veio a refletir em seu trabalho.

Em Madrid e Zaragoza, José Martí deu continuidade a sua formação acadêmica em Direito, Filosofia e Letras. Trabalhou em periódicos e criticava os republicanos espanhóis por não darem às colônias o que eles pregavam. Depois de sair da Espanha, o cubano viajou para França, onde conheceu Victor Hugo, e depois voltou para a América, visitando países como México, Guatemala e Venezuela. Nesse período, portanto, teve contato com as mais diversas realidades políticas, sociais e culturais do continente.

Isso lhe permitiu elaborar propostas de reformas para o desenvolvimento das nações e a obtenção da autonomia. Também traçou objetivos, dentre os quais se destacava o desejo de um bom nível educacional para todos, o que seria essencial para a ideia Martiniana de que o

conhecimento sobre a América deveria ser feito pelos próprios americanos. Além disso, durante sua viagem por partes do continente ele começou a compreender uma unidade que mais tarde chamou de "Nossa América".

De 1881 a 1895 José Martí viveu nos Estados Unidos, portanto viu de perto a ascensão do capitalismo monopolista e neocolonialista estadunidense. E como cônsul do Uruguai, participou da 1ª Conferência de Washington e da Conferência Monetária Internacional Americana. Esse período foi essencial para o posicionamento crítico de Martí quanto aos interesses estadunidenses no resto do continente. Evidenciado pelo uso da metáfora do tigre que espera atrás de árvores em Nossa América.

Mesmo nos Estados Unidos, Martí planejou e tentou fortalecer o movimento de independência de seu país. Foi nomeado presidente interino do Comitê Revolucionário Cubano e em 1892, redigiu as bases do Partido Revolucionário Cubano e também lançou, juntamente com o general Máximo Gómez, o *Manifiesto de Montecristi*, no qual expôs seu objetivo de independência e como o alcançariam.

Em 1895, José Martí, preparado para livrar sua pátria do domínio espanhol, regressou a Cuba. Quando estava com o General Gómez a caminho do encontro com o General Antonio Maceo, foram surpreendidos por tropas espanholas que mataram José Martí.

Como pode ser percebido pela sua biografia, é certo que o ponto central das ideias políticas de José Martí é o independentismo, ele pregou, contribuiu e morreu por uma Cuba livre do domínio espanhol. No entanto, essa afirmação pode trazer a conclusão precipitada de que as ideias do cubano giravam somente sobre esse tema ou eram voltadas para sua ilha natal. Quando na verdade, sua obra abrange variadas temáticas e tem forte caráter americanista.

Nuestra América e os Estados Unidos da América

O trabalho de maior repercussão e o mais conhecido de José Martí é *Nuestra América* (1891). Nesse texto, ele tenta mostrar as especificidades da América Latina, diferencia-la do resto do continente, abordar questões essenciais para a região, refletir sobre problemas e dificuldades dos países, bem como elaborar propostas "que partiam do diagnóstico das necessidades fundamentais e das contradições políticas, econômicas e sociais sem cujas superações a autonomia nacional se tornava um ideal inalcançável nessa parte do continente." (ALTMANN, 2006, p. 5).

José Martí tentava contrapor essa nossa América à outra, mais especificamente a

parte anglo-saxã do continente. "Viví en el monstruo, y le conozco las entrañas" (MARTÍ, 1895, p. 1), e com essa vivência, o cubano percebe que havia um distanciamento cada vez maior entre a realidade social e histórica estadunidense do resto do continente. Segundo Carvalho (2011), a experiência dos anos que morou em Nova York, possibilitaram um desenvolvimento do pensamento de Martí sobre a nossa América, uma evolução e aprimoramento desse conceito.

Para Martí, essa outra América, além de ser diferente também tinha seus interesses e políticas próprios. Esses, não somente dificultavam uma unidade em nível continental, como também ameaçavam a própria soberania e autonomia na América hispânica. "El desdén del vecino formidable que no la conoce, es el peligro mayor de nuestra América" (MARTÍ, 1891, p.38) diz o cubano em Nossa América, acrescentando que a hora da visita desse vizinho estava próxima.

Ele já era crítico da Doutrina Monroe (1823), e durante a década de 1880, denunciava a intenção estadunidense de anexar ou ter controle sobre vários territórios do continente, como por exemplo, a intervenção armada no Haiti em 1888. José Martí percebia o caráter expansionista daquele país que rapidamente se tornava a maior potência do continente, a nação que cada vez mais se afastava dos laços coloniais da decadente Europa, criando um neocolonialismo na América. (CARVALHO. 2006)

Essa sua crença só foi reforçada pelos eventos internacionais que participou como cônsul. Por exemplo, na Conferência de Washington (1889), quando os representantes dos Estados Unidos foram contra a proposta de que a conquista fosse eliminada do direito público americano, e de que as cessões territoriais fossem nulas, caso feitas sob a ameaça da guerra ou pressão armada. Isso deixou claro os reais interesses e ambições do vizinho do norte sobre o continente e levou Martí a afirmar que *a Nuestra América*, unida, deveria declarar sua segunda independência.

Um dos pontos mais importantes de *Nuestra América*, segundo Santos (2010) é a defesa do desenvolvimento de uma consciência da latinidade baseada em uma unidade da América espanhola. Essa ideia de união já havia aparecido em 1889, quando Martí discursou perante a Sociedade Literária Hispano-americana e apresentou sua visão de Mãe América. A identidade cultural vinda de uma mesma base existente entre os países latinos faz o escritor propor uma unidade entre os povos dessa América, calcada na valorização e orgulho da sua identidade.

Forjada das lutas e dos povos que aqui se fundiram. A Mãe América

merece todo o respeito e o orgulho dos que daqui nasceram ou aqui vivem; uma América que é heroica e trabalhadora. Traz um chamamento aos latino-americanos para reconhecerem os feitos desse continente, sem se diminuïrem aos feitos de outros continentes, que possuem sua própria história e méritos. (CASTRO, 2011. p.70).

Portanto, a identidade cultural e histórica desses povos é vista como característica comum que torna possível pensar estes países em conjunto e os diferenciar dos Estados Unidos ou da Europa, por exemplo. A partir disso, adentra-se em outro ponto essencial do pensamento Martiniano: a sua crítica em relação à importação de ideias. *“insectos dañinos, que le roen el hueso a la patria que los nutre”* (MARTÍ, 1891, p. 32).

Luta contra o neocolonialismo em todos os âmbitos

José Martí viveu em um contexto no qual muitas vezes a identidade e cultura américo-hispânica era esquecida em detrimento de ideias exógenas. Segundo Eugênio de Carvalho (1998), acontecia uma importação excessiva de fórmulas, acrescenta que, segundo Martí, esses modelos não levavam em conta a realidade local e as singularidades do subcontinente. Ademais, impedia a construção de uma identidade com bases autóctones, uma definição e interpretação genuína da realidade regional.

Segundo José Martí não haveria como procurar soluções para os problemas latino-americanos em livros europeus, por exemplo. Esse instrumental teórico não seria adequado, uma vez que não foi pensado à luz do contexto e da natureza local. Ademais, acrescenta-se que as ideias do independentista iam contra a dicotomia, presente na obra de Sarmiento e que influenciou muitos, entre barbárie e civilização. Como pode ser percebido quando o cubano afirma que *“no hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza”*(MARTÍ, 1891, p. 33)

Nem o livro europeu, nem o livro estadunidense dariam a resposta do enigma hispano-americano. Portanto, era necessária uma visão para a América Latina que não fosse importada e imposta, mas sim localmente construída. Por isso, Martí reivindicava "um arquivo da tradição, um saber americano, alternativo, uma universidade americana, uma biblioteca alternativa" (RAMOS, 1989, p. 234 *apud* CARVALHO, 1998). Logo se compreende a importância que o escritor dava à educação.

Martí foi um defensor da educação para todos, de forma igualitária. Pensando nisso, enquanto morava nos Estados Unidos escreveu *La Edad de Oro*, destinada a crianças e com dados históricos, geográficos e econômicos da América Latina. Para ele, a história local

deveria ser ensinada minuciosamente. Em *Nuestra América* usa o exemplo que deveríamos apreender a história dos incas antes da dos gregos, a universidade europeia deveria dar lugar à americana. (MARTÍ, 1891)

Isso porque a educação estaria ligada com a libertação do continente, o conhecimento seria o único caminho para o latino-americano se livrar de tiranias. E, a partir do momento que o homem é liberto, começa a construção do cidadão, refletindo, portanto, na formação da pátria. O cubano via a educação "como um alimento essencial ao crescimento do ser humano, como algo singelo que estrutura a grandeza de uma pátria." (CASTRO, 2011, p. 66).

Martí vinculava também o ensino e as universidades ao governo e à formação de um bom governante na América Latina: "Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo" (MARTÍ, 1891, *apud* ALTAMNN 2006). Percebe-se o ideal Martiniano de que quanto à educação, assuntos sociais, políticos e econômicos, deveria ser posto em prática aquilo que se ajustasse às exigências e necessidades locais. Ou seja, um bom governo prescinde o conhecimento e a análise das características da América.

O governo deve nascer do país. O espírito do governo deve ser o do país. A forma de governo deverá concordar com a constituição própria do país. O governo não é mais que o equilíbrio dos elementos naturais do país. É por isso que o livro importado foi vencido, na América, pelo homem natural (MARTÍ, 1891, *apud* CASTRO 2011 p.61)

Como se pode perceber, em relação à administração pública Martí defendia que a forma de governo deve estar de acordo com os elementos constituintes do país, visto que o governo é o resultado de um equilíbrio entre eles. Para Cuba, ele propunha a criação de uma república que levasse em conta a originalidade do país, algo que não fosse estranho aos locais e tampouco uma continuação da visão colonial. A República deve, então, ser uma construção de todos.

Por isso que, o republicanismo proposto por José Martí tem como princípios a dignidade plena do homem, o trabalho de cada um e o pensar original. É expressivo como a ideia de República do pensador cubano tenta englobar a todos, ela seria formada pela união dos que lá vivem sejam índios, negros ou espanhóis. A república tem por base o caráter inteiro de cada um de seus filhos. (MARTÍ, 1891)

Bastante expressivo é que, em um contexto de forte influência do Darwinismo Social, Martí defendia a igualdade não só na questão da República, mas também em todos os

âmbitos da sociedade. Ao escrever *Mi Raza* (1893), provou o que já havia demonstrado ao longo de sua obra e vida política: seu repúdio a qualquer prerrogativa de superioridade ou inferioridade racial. Pois, para ele, a alma de todos era igual, como uma espécie de igualdade original.

Não existe ódio de raças, porque não existem raças. Os pensadores doentios, os pensadores de lampiões, tecem e requeimam as raças de biblioteca, que o viajante justo e o observador cordial procuram em vão na justiça da Natureza, onde se destaca, no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem. A alma emana, igual e eterna, de corpos diversos em forma e em cor. Quem fomenta e propaga a oposição e o ódio das raças peca contra a Humanidade. (MARTÍ. *apud* Altmann 2006, p. 126-127)

Defendendo a unidade, a tolerância, a inclusão social e a convivência harmoniosa entre as raças, Martí defendia o caráter positivo das contribuições dos indígenas e negros a sociedade americana. Mostrando que elas, ao contrário do pensamento das elites, eram motivo de orgulho, pois a verdadeira imagem da América era essa: a miscigenação. Uma civilização não era sinônima de branco e europeu, por isso as contribuições de outros povos deveriam ser aceitas e incorporadas, pois faziam parte das raízes da *Nuestra América*.

Cuba teria um grande papel na edificação dessa unidade latino americana, a pátria de José Martí, Porto Rico, e todas as Antilhas, serviriam de proteção contra o "tigre de fora". Por isso, a guerra de independência de Cuba seria uma guerra justa e necessária, era preciso que essa parte do continente estivesse livre para frear as intenções estadunidenses. Além disso, a libertação seria parte de uma estratégia política que objetivava, progressivamente, uma união Hispano-Americana contra o expansionismo dos Estados Unidos.

Portanto o conceito de "guerra necessária" para José Martí aborda o conflito armado para a independência de tais ilhas com a perspectiva de que:

A guerra fazia parte de uma estratégia política a longo prazo que pretendia num primeiro momento, a partir de Cuba, libertar Porto Rico posteriormente o propósito seria lutar pela união progressiva da Hispano-América frente aos intentos expansionistas dos Estados Unidos. Martí acreditava que as Antilhas constituíam uma espécie de primeiro muro de contenção desse expansionismo norte-americano (CARVALHO 1998. p.10)

A luta pela independência cubana e porto riquenha, ao mesmo tempo em que os livraria do colonialismo europeu, evitaria a criação de um novo imperialismo por parte da maior potência do continente. A essa guerra são vinculados e dependem o destino e o futuro

de toda a América latina, por essa razão recebem o título de gloriosa. As Antilhas seriam essenciais para o equilíbrio de poder e a proteção de uma América Latina vulnerável frente ao vizinho do norte. Como José Martí disse em carta ao Partido Revolucionário Cubano, não são apenas duas ilhas que iriam libertar, mas sim o mundo que estariam equilibrando.

Conclusão

José Martí morreu em 1895, portanto não viu os Estados Unidos, depois das guerras, tomar economicamente não somente a América Latina, bem como o mundo. Não viu sua Cuba independente, ainda que sob o protetorado do "tigre" de *Nuestra América* por meio da Emenda Platt. Ele não estava vivo quando o mundo foi tomado pelo ódio em 1914 e 1945, nem quando, por uma questão étnica, milhões foram dizimados no Holocausto.

Mas o cubano, ainda no século XIX, alertando sobre o colonialismo ianque, sobre os perigos do ódio e ressaltando a beleza da miscigenação, já abordava problemas e soluções para o que o mundo enfrentaria no século seguinte. Logo, é perceptível a atualidade e o futurismo do pensamento dele, como Martí, a partir de elementos da sua época, sucedeu em alertar para o que poderia acontecer com o continente. É inegável, portanto, sua singularidade ao pensar além de seu tempo.

É notável o quão bem José Martí percebeu sua realidade, como, através de suas viagens, experiências e estudos, trouxe uma base sólida para seu pensamento. Por exemplo, a noção clara do que o colonialismo representava, fosse ele o espanhol ou o estadunidense. Na verdade, o cubano chamou atenção para esse último antes que ele efetivamente acontecesse, fez isso apenas analisando os sinais como a Doutrina Monroe (1823).

No cenário cubano também é inquestionável sua influência, ele elaborou um pensamento nacionalista e revolucionário que esteve na base de movimentos sociais. Martí nutriu ideais de liberdade e autonomia que guiam seus compatriotas há muito tempo. Inclusive Fidel Castro, que é inegavelmente um dos maiores nomes políticos de Cuba, não escondia sua admiração à Martí, mesmo que muitas vezes os pensamentos dos dois não fossem compatíveis.

Já no contexto latino americano, assim como Bolívar, Martí percebeu a natureza comum dos problemas que afetavam os países e propôs a união entre eles. Essa proposta comprova a genialidade do cubano, uma vez que em um contexto de integração regional do século XX, os países juntaram forças em blocos ou organizações, para enfrentarem problemas comuns e se fortalecerem. Ressalta-se também que até a desconfiança de José em relação aos

Estados Unidos também figura nos atuais acordos regionais, vide, por exemplo, a relutância dos países da América do Sul em relação à ALCA.

Isso porque o cubano acertadamente viu a peculiaridade do subcontinente, como ele nunca se assemelharia ao vizinho do norte. A *Nuestra America* de Martí mostra-se sempre correta em um continente que enfrenta, em geral, os mesmos dilemas, sejam eles o intervencionismo dos Estados Unidos, ditaduras, corrupção, violência ou o subdesenvolvimento. Até mesmo a solução para os problemas atuais pode ser achada em José Martí: a importância de líderes regionais e a educação.

O independentista de Cuba falava que os políticos da América Latina deveriam conhecê-la para poder governar adequadamente, e não usando "manuais importados", o que se mostra uma verdade. Na história do subcontinente os governantes parecem não conhecer ou não se importarem suficientemente com a realidade de seus países e sucessivamente erram ao trazer modelos de fora para serem aplicados na região.

Nesse contexto, a educação é essencial para o desenvolvimento das nações latinas, seja no âmbito político - um líder americano deveria estudar na região- ou no âmbito social, para libertação da população. Martí não poderia estar mais correto, a educação de qualidade é a chave para a região sair das amarras do subdesenvolvimento e da dependência das nações mais ricas. Como o cubano diz, com o ensino, a região e sua a população poderiam libertar-se.

José Martí defendia a educação para todos, independentemente de cor da pele, nacionalidade ou camada social. Ao pregar a beleza da miscigenação e a igualdade entre todos, mostrava sua singularidade e humanidade. Ressalta-se que ele levantou essa bandeira no século XIX, quando debates sobre preconceito ainda não existiam e frente à um mundo que muitas vezes viu, e ainda presenciaria outras vezes, os direitos humanos serem violados e o ódio ser pregado por um pretexto de raça.

No que tange a Guerra Justa, Martí pode ter se precipitado, acreditando que a proteção da América latina estaria ligada à independência de Cuba e Porto Rico. Pois o que aconteceu é que quando seu país tornou-se independente, começou efetivamente a intervenção estadunidense. Ademais, atualmente Porto Rico é uma espécie de protetorado dos Estados Unidos. Ou seja, o efeito foi exatamente contrário ao que o independentista imaginou, e não limitado à sua ilha, mas sim a todo o continente.

No entanto, esse erro não deve tirar o foco da importância de José Martí, um pensador cujas ideias eram aplicáveis e corretas em seu contexto e também atualmente, um cubano que, com seus ideais de amor, valorização da miscigenação e exaltação da cultura e características regionais ainda tem muito o que ensinar no Século XXI.

Referências

ALTMANN, Wener. O pensamento político e religioso de José Martí **Cadernos IHU**. n.501, Unisinos, 2006. p.1-23 Disponível em <
<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/003cadernosihu.pdf> /> Acesso em 18 jun 2017

CARVALHO, Eugênio Rezende. José Martí e o centenário da independência cubana (1898 - 1998). **Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC** . São Paulo 1998. Disponível em <
http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/eugenio_rezende.pdf /> Acesso em 16 jun 2017

CARVALHO, Eugênio Rezende. Ideias e identidades na América: quatro visões. Estudos Iberos-Americanos n.2. p. 7-28 PUC-RS. 1998 Disponível em <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27210/15547> /> Acesso em 18 jun 2017

CASTRO, Rita de Cássia. Vozes da Independência. **Cadernos PROLAM/USP** (Ano 10. V. 1) 2011 p. 51-72 Disponível em <
<https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82449> /> Acesso em 18 jun 2017

SANTOS, Lucas Machado. **José Martí e o projeto identitário de Nuestra América. Uma análise da construção de identidade americana**. XIV Encontro regional da ANPUH. UNIRIO 2010 Disponível em <
http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276735978_ARQUIVO_Trabalho_Anpuh.pdf /> Acesso em 18 jun 2017

MARTÍ, José. **Nuestra América**. Caracas. Fundación Biblioteca Ayacucho. 2005

MARTÍ, José. **Carta a Manuel Mercado 1895**. Memorial José Martí. Documentos Imprescindibles. Havana. 2009. Disponível em:
 <http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/pdvedado/documentos_imprescindibles_1.pdf> Data de acesso: 11 jun 2017